

A cor como linguagem: da fisiologia à cultura

LUCIANA M. SILVEIRA

A Cor como informação: a construção biofísica, lingüística e cultural da simbologia das cores, Luciano Guimarães. São Paulo: Editora Anna-blume, 2000, 160 páginas.

“De médico e de louco, todos temos um pouco”. Esse ditado popular seria bem aplicado à manipulação da cor feita cotidianamente por pessoas que não conhecem a teoria da cor e suas relações.

Munidas somente da intuição, algumas pessoas julgam saber elaborar uma harmonia cromática, seja nas paredes de sua própria casa, seja na montagem de vitrines ou nas interfaces de computador. Porém, basta uma única experiência na seleção de uma paleta qualquer de cores com determinadas funções para entender a complexidade que envolve este ato.

Esta complexidade vem do fato de o fenômeno cromático ser elaborado no conjunto dos seus aspectos físicos, fisiológicos, psicológicos e culturais de maneira simultânea e não exclusiva. Isso equivale dizer que um estudo sério em torno das relações cromáticas envolve todos esses aspectos em estado de interdisciplinaridade.

Por essas e outras não é tarefa fácil pesquisar temas em que se insere a cor. Desde o século I D.C., grandes pesquisadores de várias áreas produziram uma vasta bibliografia sobre o tema. Entretanto, o fenômeno da cor tem sido estudado isoladamente em cada disciplina, sem se comprometer com a complexidade e complementaridade dos seus diferentes aspectos.

Encontramos contribuições para o entendimento do fenômeno cromático nos mais diversos lugares: desde compêndios de neurologia e óptica até revistas em

bancas de jornal, sem, no entanto, haver interação no estudo da percepção cromática. Todos os aspectos têm importância no estudo da cor, desde os aspectos neuroantropológicos aos puramente utilitários e por isso devem ser considerados de maneira simultânea.

No livro *A cor como Informação*, Luciano Guimarães desvenda uma estrutura da cor além da classificação especializada e reducionista. Para conseguir este feito, lança mão da abordagem semiótica da cultura como instrumental teórico, valendo-se principalmente dos três tipos de códigos da comunicação eleitos pelo semiótico checo Ivan Bystrina: primário ou hipolingual, secundário ou de linguagem e terciário ou cultural.

Num texto claro e preciso os conceitos utilizados são gradativamente descritos, caminhando para uma abordagem da *simbologia* das cores. Segundo Guimarães, a simbologia é extraída das várias aplicações da cor nos diversos tipos de objetos, principalmente no tocante à cor como informação, isto é, quando ela é aplicada com determinada intenção, provocando determinadas funções ligadas ao objeto.

O livro é destinado tanto aos *designers* e arquitetos que se utilizam profissionalmente da cor buscando soluções para seus problemas de harmonia cromática, quanto para outros profissionais que consideram o fenômeno da cor como um microsistema para seus estudos nas diferentes disciplinas.

Com o objetivo de entender a relação entre a utilização e a compreensão dos textos que são construídos a partir da cor como informação e seguindo a classificação dos códigos de Ivan Bystrina, Guimarães considera os aspectos fisiológicos da visão cromática como códigos primários ou hipolinguais. Envolve desde o entendimento de como se dá a visão cromática no aparelho óptico humano até a sua conjugação com o cérebro, que a interpreta. Este processo envolveria invariantes biofísicas por dependerem diretamente de heranças genéticas.

Já como códigos secundários ou de linguagem estão os aspectos da percepção cromática que não são herdados. Eles regulam os códigos primários para surgir o que se conhece como linguagem das cores. São os parâmetros que definem a cor em relação às outras características do objeto como a massa, a textura, a forma ou o cheiro.

A dimensão simbólica das cores é classificada como código terciário, onde a cor assume seu papel de informação cultural. Esta terceira parte é fundamental no estudo da complexidade da percepção cromática, pois quando assumimos a cor como um código cultural, carregamos com ela todos os aspectos que envolvem o processo da comunicação humana.

Antes de se valer da semiótica da cultura, sabemos intuitivamente que cada cor tem sua *história*, marcada por hábitos e significados, e é isto o que a torna passível de classificação. Pode-se tomar as cores como instrumentos ativos de uma determinada cultura e, no caso da cultura ocidental, tem-se as cores atreladas aos significados, descrevendo suas respectivas *histórias*.

A informação *cor* é fortemente regida por aspectos fisiológicos, psicológicos e culturais. Por exemplo, o ambiente familiar dos brasileiros é recheado de produtos industriais brancos, beges e cinzas, tons pastéis que funcionam mais como anteparos para cores fisiológicas do que propriamente cores físicas. Enquanto isso, no Japão, o microondas é rosa-choque e o aspirador de pó verde-limão, cores que não só tem personalidade própria como soam irritantes aos brasileiros.

A natureza exuberante da Amazônia, por exemplo, influencia a necessidade de compensar as cores saturadas, colocando tons pastéis dentro dos ambientes particulares, enquanto o japonês tem seu país cercado pelos tons pastéis da areia, da medusa e do mar, fazendo-os compensar esses tons dentro de seus ambientes com cores brilhantes e saturadas.

Imaginar que a cultura e o peso das tradições influenciam o modo como configuramos nossa percepção visual cromática não é tão difícil. O livro *A cor como informação* confirma e aborda essas relações, considerando a cor como um dos elementos da sintaxe visual, e portanto como um dos diversos códigos da comunicação humana. A enumeração e argumentação dos aspectos da cor se sucedem nos capítulos regidos pelo caminho natural e agradável da ordem das cores no espectro.

Para concluir, Guimarães constrói no capítulo laranja, uma análise em torno de caminhos possíveis de interação entre estes aspectos. Denominado como "a hora da digestão", este capítulo traz a cor como código primário, secundário e terciário, suas relações e uma análise dos resultados destas interferências.

Apesar desta análise se dar em um primeiro momento de forma separada em cada capítulo, o autor a extrapola e demonstra que uma análise cromática não tem limites visíveis, ou seja, os códigos primário, secundário e terciário ocorrem de maneira simultânea, e não exclusiva, interrelacionando-se na percepção cromática dos objetos.

Luciana M. Silveira é professora de teoria da cor no Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná – CEFET/PR e doutoranda do PEPG em Comunicação e Semiótica na PUC-SP.